

CORPO, PODER E SEXUALIDADES: A CULTURA VISUAL E O TEATRO COMO INSTRUMENTOS EDUCATIVOS NA BUSCA DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DE INDIVÍDUOS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

BODY, POWER AND SEXUALITIES: VISUAL CULTURE AND THEATER AS EDUCACIONAL INSTRUMENTS IN THE SEARCH OF SOCIO-CULTURAL IDENTITY OF INDIVIDUALS IN SOCIAL VULNERABILITY

Eduardo José Reinato¹

Luiz Eduardo Souza Carneiro²

RESUMO: O presente artigo pretende demonstrar a fundamental importância do Teatro interligado à Cultura Visual, como instrumentos de fundamental importância na contribuição da formação integral do indivíduo e para construção da identidade como sujeito. O fazer teatral e o poder das imagens e visualidades podem transformar indivíduos e realidades; funcionam como eficazes ferramentas para a desconstrução de padrões e promove a auto-aceitação. Este estudo pretende analisar o Teatro/Educação e a Cultura Visual numa perspectiva de transformação social de indivíduos e/ou grupos que vivem numa situação de vulnerabilidade social na busca identitária.

Palavras-chave: Teatro. Educação. Vulnerabilidade Social. Cultura Visual. Identidade Social.

ABSTRACT: This article intends to demonstrate the fundamental importance of Theater linked to Visual Culture, as instruments of fundamental importance in the contribution of the integral formation of the individual and for the construction of identity as a subject. Theatrical making and the power of images and visualities can transform individuals and realities; they work as effective tools for deconstructing patterns and promoting self-acceptance. This study intends to analyze Theater / Education and Visual Culture in a perspective of social transformation of individuals and / or groups that live in a situation of social vulnerability in the search for identity.

Keywords: Theater. Education. Social Vulnerability. Visual Culture. Social Identity.

INTRODUÇÃO

O Teatro e as imagens, como seus signos e sua subjetividade, são de fundamental importância na contribuição da formação integral de um indivíduo, e também contribuem na garantia de seus direitos de cidadania; pois são ferramentas muito eficazes, quando são destinadas para a transformação sociocultural e para o desenvolvimento do pensamento humano, além de possibilitar a descoberta da profissionalização no campo teatral e/ou no campo da cultura visual, pelo fato de serem áreas de conhecimento.

Neste contexto, o presente estudo utilizará como recorte a vivência de um dos autores desde artigo, como educador em Teatro na extinta Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU), que funcionava na cidade de Goiânia-GO, era uma obra sem fins lucrativos, mantida pela Companhia de Jesus e assumida por jesuítas; fundada em 1984 e extinta em 2015. Esta

¹ Doutor em História Social (USP), Mestre em História Social (USP), especialização em História do Brasil (PUC Minas) e graduado em História (UFG). E-mail: eduardo.reinato63@gmail.com

² Mestre em Performances Culturais (UFG) e graduado em Comunicação Social: Rádio e TV (UFG). E-mail: dadocarneiro@hotmail.com

Instituição atendia adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, e oferecia serviços especializados voltados para a juventude e cidadania, com ações socioeducativas; dentre elas, as atividades que utilizavam a Arte como instrumento de educação e transformação. Esta experiência resultou na pesquisa de Mestrado, cuja dissertação defendida intitula-se *Teatro e cidadania: experiência de formação integral de jovens e adolescentes e o teatro/educação na Casa da Juventude Pe. Burnier entre 2011-2014* (CARNEIRO, 2020). Portanto, neste artigo, o foco principal se dará por meio do teatro e da cultura visual, como ferramentas educativas e formativas.

Dentro desta perspectiva de estudo, é possível afirmar que as artes, em todas as suas vertentes, possuem o poder de transformar dramas e conflitos sociais e relações humanas, além de ajudar na descoberta do “eu” social. Portanto a realidade social e o cotidiano vivido nas regiões em que estas pessoas vivem, não podem ser desconsiderados. “É urgente a busca de outra lógica de relações humanas, do agir e pensar dialeticamente, levando em consideração o cotidiano e os sonhos, desejos de transformação, a utopia-concreta” (TEXEIRA e SILVA, 2012, p. 58).

Neste sentido, vale perguntar: qual é o papel das artes para que não haja uma dinâmica de exclusão e separação social, onde o sujeito não se reconhece como sujeito? Neste estudo, a ênfase é dada ao entrecruzamento das artes teatrais com as artes das visualidades. O teatro é considerado a arte de trabalhar as questões humanas, onde elas são apresentadas e equacionadas; e não deve ser conhecido apenas como um meio de se montar um espetáculo, pois vale salientar o caráter formativo desta prática. No caso da cultura visual, o que é destacado neste artigo é o poder das imagens nas relações humanas, sociais e de poder, e as práticas culturais do olhar e os efeitos desse olhar sobre quem vê.

Sendo assim, este estudo pretende refletir sobre indivíduos em formação com seus conflitos e dramas sociais em situação de vulnerabilidade. Para Coelho:

[...] que se formam numa construção discursiva de faz de conta, numa posição idealizadora e idealizada, têm poucos referenciais, nas instituições escolares, para se construírem como sujeitos capazes de escrever suas próprias histórias, isto é, para se narrarem como sujeitos. (COELHO, 2010, p.106).

Este artigo tem como objetivo provocar a reflexão sobre a contribuição do teatro e da cultura visual, para a construção do sujeito participativo na sociedade em busca de um mundo mais justo.

A EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

O conceito de vulnerabilidade social tem sido bastante difundido no campo das políticas sociais, mas ainda traz consigo certas dubiedades e falta de clareza no seu significado. O autor do presente artigo diz em sua dissertação de Mestrado:

Neste sentido, a concepção de vulnerabilidade social pode ser sustentada por um caráter pejorativo e estigmatizado, ou na ideia de risco e de potencialidade, através do desenvolvimento das capacidades e potencialidades do sujeito. [...] Mas o que identifica uma situação de vulnerabilidade social? Para fazer uma análise mais aprofundada é importante identificar com maior precisão as necessidades e problemáticas destes indivíduos e grupos sociais, considerados representantes deste

contexto. [...] Mas quais são os elementos que condicionam a vulnerabilidade? Quais são as possibilidades de enfrentamento a esta situação? (CARNEIRO, 2020, p. 55 - 56)

Em concordância, Simone Rocha avalia que a concepção de vulnerabilidade não problematiza a superação das suas contradições, na medida em que não as considera como produto das desigualdades sociais. Ela afirma que “o conceito embora decorrente, é travestido de inúmeras interpretações, que apresentam contradições e até antagonismos bastante significativos” (ROCHA, 2011, p. 36). Segundo Rocha:

Essa imprecisão ou compreensão isolada da vulnerabilidade social, seja adjetivada ao sujeito, seja atrelada à perspectiva do risco, desconecta da análise das estruturas da sociedade capitalista podem conduzir à manutenção *status quo* da ordem capitalista. Ou seja, uma sociedade direcionada por uma lógica hegemônica de concentração e expansão de relações fetichizadas pelo domínio do mercado e do lucro, provendo apenas as condições para manter minimamente os indivíduos, contrária à democratização da riqueza socialmente construída pelo conjunto dos trabalhadores que tem ações de proteção social no campo paliativo e de reprodução das desigualdades sociais. [...] Embora aponte possibilidades de contribuir com o enfrentamento dos determinantes dos elementos que condicionam a vulnerabilidade, apontam para o fortalecimento das potencialidades, empoderamento dos sujeitos, desenvolvimento das capacidades, ou seja, numa lógica paliativa, atrelada aos sujeitos e não à estrutura social. (ROCHA, 2011, p. 37- 38).

Portanto, “este conceito é interpretado de diferentes maneiras, de acordo com a compreensão dos múltiplos atores sociais e pode comprometer a garantia de direitos na execução da política social” (CARNEIRO, 2020, p. 57). Sendo assim, em uma sociedade capitalista com várias realidades de exploração e opressão, que nega a condição de indivíduo-social, o comum é que ocorra uma separação:

Vemos com grande eloquência um sistema social que integra os sujeitos numa dinâmica de separação dos indivíduos de si mesmos e de suas relações sociais, criando uma cultura da separação [...], ou seja, o sujeito não se reconhece como sujeito e isola-se em suas relações humanas, alienando-se socialmente. (TEIXEIRA e SILVA, 2012, p. 58).

Em relação às pessoas que vivem em vulnerabilidade, vale dizer que os indivíduos e/ou grupos que se encontram em condições de marginalidade, em inferioridade estrutural, estão na liminaridade e tendem a aceitar punições arbitrárias sem queixas e passivamente. “É como se fossem reduzidas ou oprimidas até uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar uma nova situação de vida” (Turner, 1974, p. 118).

Para tanto, é importante compreender que uma situação de liminaridade e quando um indivíduo e/ou grupo se encontra numa condição transitória. Segundo Victor Turner, “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais” (TURNER, 1974, p.117).

Neste cenário, é importante ressaltar que a transformação ocorrerá pela educação, em que o indivíduo possa desenvolver o senso crítico e formar o seu pensamento, com consideração à sua realidade individual e social; onde se desloca de um lugar em situação de

vulnerabilidade social e se coloca em outro lugar, onde possui o poder como sujeito participativo na sociedade.

Assim, é através do Teatro que se apropria da criatividade e que se chega ao drama social do grupo de indivíduos em estudo. “A criatividade dramática auxilia o pensamento criativo e desenvolvimento social, pois efetiva a passagem do teatro como ilusão para o teatro como realidade cênica” (CAVASSIN, 2008, p.42).

Em relação à educação, o adolescente e jovem que vivem em situação vulnerável nas periferias das cidades grandes e, tendem a procurar na região central da cidade em busca do seu *eu social*; sendo que, para encontrar o seu papel na sociedade como cidadão, é preciso considerar todo o contexto da comunidade em que se vivem. Carneiro afirma:

[...] quando estes adolescentes e jovens entram em contato com a prática teatral, descobrem que o Teatro é muito mais importante do que se imagina, e passam a fazer uma análise comparativa entre o *ator de teatro* e o *ator social*. O primeiro é aquele que tem como ofício a arte de interpretar e representar ações dramáticas. O segundo é aquele que assume seu papel social e se expressa através da manifestação de seus interesses socioeconômicos, políticos e culturais (CARNEIRO, 2020, p. 20)

A prática teatral o possibilita o lugar de voz do ator social e apresenta a oportunidade da profissionalização no trabalho com as artes cênicas, caso esta vocação esta vocação seja descoberta. No que tange aos estudos da imagem, a cultura visual contribui na transformação social e identitária, através do desenvolvimento de um senso crítico atento aos modelos de imagens que se revelam como projeções ideológicas de dominação. Para Mitchell:

A mudança mais profunda que marca a busca de um conceito adequado de cultura visual é precisamente a ênfase no campo social do visual, nos processos cotidianos de olhar e ser olhado. Esse complexo campo de reciprocidade visual não é apenas um produto secundário da realidade social, mas um elemento que a constitui ativamente. A visão é tão importante quanto a linguagem na mediação de relações sociais sem ser, no entanto, redutível à linguagem, ao “signo” ou ao discurso (MITCHELL, 2015, p.186).

Neste sentido, tanto no teatro/educação como na cultura visual, é possível perceber que o binômio “arte/educador” deve estimular o educando a pensar, trazendo provocações e questionamentos, sem a imposição de um pensamento, incentivando-o à formação da sua consciência individual, em relação ao mundo e a si próprio; onde são usadas as dinâmicas e os jogos teatrais, na contribuição da construção identitária. Segundo Ingrid Koudela: “É a partir da justificativa de formação integral do educando que o teatro passou a ser tolerado no currículo escolar, sem que o preconceito chegasse a ser questionado no seu fundamento” (KOUDELA, 2011, p. 24).

Dentro desta perspectiva, é essencial ressaltar a importância da arte/educação na formação integral do indivíduo; em busca do despertar da consciência individual harmonizada ao coletivo; pode promover a inclusão e a socialização; e aponta para o empoderamento dos sujeitos, para que possam ser capazes de fazer a conexão entre o conhecimento adquirido e sua vida prática.

A CULTURA VISUAL E DO TEATRO NA CONSTRUÇÃO DO “EU” SOCIAL

A formação integral do indivíduo não se dá somente através da educação formal de ensino e da educação familiar; mas também, através de todas as influências socioculturais e das experiências cotidianas das realidades em que cada sujeito está inserido; e se dá em constante movimento no percurso da história. Para Roseane Martins Coelho: “A construção do eu, o processo subjetivo de constituição identitária, apresenta-se como uma constituição complexa, dinâmica, histórica, isto é, uma construção cultural” (COELHO, 2010, p.105).

A arte está presente na humanidade desde o princípio da história, presente em todas as suas vertentes, como forma de expressão e como elemento atuante nos rituais socioculturais e religiosos. Possui um papel importante como agente transformador nas sociedades, pelo seu poder no campo da reflexão e no estímulo ao desenvolvimento do pensamento humano e suas relações. Sendo assim, dentro da relação entre qualidade artística e o caráter formativo, vale destacar Ingrid Dormien Koudela, que questiona: “Até que ponto o orientador de um grupo de crianças e adolescentes deve encaminhar o trabalho para o lado artístico ou até que ponto o ensino artístico é de menor importância, considerando-se que está lidando em primeiro lugar, com uma atividade de caráter formativo?” (KOUDELA, 2011, p. 17).

A cultura visual e o teatro são elementos do campo da educação e das artes, e funcionam como instrumentos eficazes na conscientização do indivíduo como sujeito, com capacidade para lutar pelos seus direitos numa sociedade, e com o poder de se posicionar perante as questões enfrentadas, utilizando-se de um senso crítico que deve estar sempre atento. O teatro é repleto de visualidades, é importante destacar que a interligação destas duas áreas da arte/educação é pertinente, onde uma complementa a outra, e ambas contribuem para a constituição do sujeito, com o compromisso de conscientizar e levar em conta todo o contexto social vivenciado, sem desmerecer a realidade em que cada indivíduo está inserido.

A análise das imagens, como influência na formação integral de um sujeito, provoca o questionamento acerca do que as imagens sugerem; partindo do pressuposto de estão diretamente ligadas à interpretação dos seus significados e de seus poderes, dentro do contexto sócio-cultural e histórico. Dentro desta perspectiva, é importante analisar a contemporaneidade e o espaço da arte na educação; segundo Coelho: “Nas últimas décadas, a noção de arte se expandiu. A centralidade da arte, como espaço privilegiado da estética, deu lugar à ascensão da cultura como espaço estético, centralizado na cultura de massa, na publicidade, etc” (COELHO, 2010, p.120).

A cultura visual permite a indagação no “espaço da relação do sujeito com as imagens e as representações visuais”, segundo Hernandez. Para ele:

O que leva a colocar as políticas de subjetividade como um espaço central para explorar, debater e gerar relatos visuais e performáticos que dialoguem e contestem os hegemônicos. O que reafirma a opção de que a cultura visual, além de falar a partir de um outro lugar da arte – e de outras práticas de visualização – também impulsiona a realização de projetos e práticas geradas como processos de indagação. (HERNANDEZ, 2012, p.42-43).

A arte teatral é carregada de imagens e signos. Como o Teatro, com suas visualidades, pode ser uma ferramenta no processo de formação e transformação do indivíduo em sujeito de direitos? Vale lembrar que o processo dramático é vital para os seres humanos que representam papéis sociais em seu meio. Desde crianças experimentam situações imaginárias

onde podem ser outras pessoas nas brincadeiras, como uma espécie de exercício social em busca de algo melhor. Segundo Ingrid Dormien Koudela:

A concepção predominante em Teatro Educação vê a criança como organismo em desenvolvimento, cujas potencialidades se realizam desde que seja permitido a ela desenvolver-se em um ambiente aberto à experiência. O objetivo é a livre expressão da imaginação criativa. Na visão tradicional, o teatro tinha apenas a função de preparar o espetáculo, não cuidando de formar o indivíduo. (KOUDELA, 2011, p. 18).

Se o Teatro pode ser considerado como a Arte que representa as relações humanas e o questionamento como o mundo, através da sua expressão, ele pode transformar indivíduos e realidades.

Diante disso, é possível compreender que o objetivo da Arte na Educação é de âmbito social e educativo, e não profissionalizante. Mas é fato que a possibilidade de um despertar para uma profissão possa acontecer dentro de um processo arte/educativo voltado para o social, com crianças, adolescentes e jovens que vivem dentro de um contexto de vulnerabilidade social onde são abertos horizontes e possibilidades para que este educando se desperte profissionalmente, e vai em busca de um curso para se profissionalizar na área artística; além da formação humana dentro de um coletivo.

PADRÕES IMAGÉTICOS, GÊNEROS, SEXUALIDADE E ETNIAS

O mundo das visualidades, com seus signos e símbolos, é bastante rico para a realização das artes em todas suas vertentes, para as relações sociais e para a formação do pensamento humano; seja no campo real como no imaginário. As imagens sempre dizem algo, independentemente da interpretação, levando em conta o desejo do seu criador e o desejo do seu expectador e o determinado impacto que elas causam.

A força e o poder das imagens com suas subjetividades e as relações entre seus produtores e consumidores, dominam os trabalhos nos estudos da cultura visual. Segundo Mitchell:

Queremos saber o que significam as imagens e o que fazem, o modo como elas se comunicam como signos e símbolos, que tipo de poder elas têm de afetar as emoções e o comportamento humano. Quando se levanta a questão do desejo – normalmente localizado nos produtores e consumidores de imagens –, a imagem é tratada ou como uma expressão do desejo do artista ou como um mecanismo para suscitar os desejos do expectador (MITCHELL, 2015, p.165).

O padrão imagético imposto sabe o que deseja, e se expressa através da dramatização de imagens. Mas o que deseja o excluído e o discriminado, no campo da construção de sua identidade? Dentro desta perspectiva, Mitchell avalia:

A pergunta de certo modo ecoa toda a investigação a respeito do **Outro** desprezado ou menosprezado, da minoria ou do subalterno, que tem sido tão central para os estudos modernos sobre gênero, sexualidade e etnia (MITCHELL, 2015, p.180).

A publicidade é um dos mais potentes meios para a divulgação das relações de poder por meio das imagens. O grupo composto pelas minorias, na maioria das vezes, não se sentem

representados no mundo publicitário. Embora, ultimamente, começam a surgir movimentos a favor desta representatividade, com destaque à questão de gênero e empoderamento da mulher. Em outras épocas passadas, a mulher era sempre colocada numa situação de subserviência com relação ao homem, até mesmo na publicidade.



Figura 01: Comercial publicitário de uma marca de gravata
Fonte: www.propagandashistoricas.com.br, 2013

Em alguns casos, a questão do negro ainda é representada de maneira pejorativa na publicidade. Esta questão precisa ser investigada com um olhar mais atento, principalmente, para como a mulher negra é tratada em alguns anúncios comerciais, pois a sociedade lhe impõe a imagem de objeto sexual, com condições de servidão ao homem, e carregadas de sensualidade.



Figura 02: Comercial publicitário de uma marca de cerveja.
Fonte: www.geledes.org.br, 2012

A imagem da masculinidade ditada pela sociedade é outra questão abordada neste estudo, por influenciar na construção da identidade do homem e também da mulher, que sofre direta e indiretamente com o padrão do masculino imposto nas relações humanas e sociais. A estrutura da sociedade patriarcal impõe normas de masculinidade, com rígidos papéis sexuais cobrados aos homens, que estabelecem relações com o feminismo. Para Coonnell:

Todas as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo. Quer essa seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso, esse é o centro emocional dos debates atuais. Nos tempos da Libertação dos Homens, o pressuposto era de que o feminismo era bom para os homens, porque os homens também sofriam com papéis sociais rígidos. (COONNELL, 1995, p.196).

Outro fator essencialmente importante para este estudo e que merece destaque pelo fato de ser crucial para a construção da identidade social de uma pessoa: a sexualidade. No decorrer dos tempos, a história do sexo sempre foi assunto polêmico e passível à repressão; talvez, por ter ligações diretas com o poder e o desejo. Sendo assim, torna-se um espaço fértil para transgredir, pela não adequação. Portanto, “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (FOUCAULT, 2005, p.11).

Mas um questionamento que deve ser analisado: Até que ponto as identidades sexuais são sugeridas e promovidas ou naturais e imutáveis? Segundo, Guaraci Lopes Louro:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. (LOURO, 2004, p.07).

Dentro desta perspectiva, a sexualidade também possui um padrão que dita comportamentos que são fiscalizados e regulados pelas normas da sociedade; embora, hoje em dia, as identidades sexuais que não encontravam um lugar de voz, agora possuem um espaço maior de representatividade, onde podem se manifestar e lutar pelos seus direitos. A comunidade LGBTQ+, ainda nos tempos atuais, sofre discriminações, e em casos extremos, são até mortos pela intolerância e pelo preconceito. Desde a infância, as pessoas são julgadas e condenadas por seus comportamentos sexuais, “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2004, p.22).

Neste artigo, está sempre presente a reflexão acerca da construção da identidade sociocultural de indivíduos que vivem em situação liminar. Pelo desejo de sair de uma condição de vulnerabilidade social, e se deslocar para um lugar de fala e representatividade, as pessoas que vivem neste contexto, se submetem à imposição dos padrões imagéticos de gênero, sexualidade e etnias.

Por uma não aceitação de si próprio, por falta de identificação e pela luta pela adequação aos padrões impostos pelo sistema, estas pessoas entram num processo de anulação de sua condição sociocultural, étnica e sexual; elas reprimem seus desejos, alisam seus cabelos crespos, transformam seus corpos e criam uma autoimagem que não condiz com sua realidade.

O teatro, por meio de suas imagens e visualidades, desconstrói padrões e pode ser utilizado como uma potente ferramenta para a descoberta da representatividade, do resgate da autoestima, da autoaceitação e do orgulho das condições humanas, sexuais e socioculturais

dos sujeitos, dentro de cada realidade e cada contexto. De acordo com Olga Reverbel, “teatro é a arte de manipular os problemas humanos, apresentando-os e equacionando-os” (REVERBEL, 1979). Portanto, o fazer teatral pode transformar indivíduos e realidades.

O TEATRO E O PODER DAS IMAGENS

É notório o constante intuito de trazer a reflexão e o estudo sobre o poder das imagens, bem como o poder do teatro na formação e no desenvolvimento do pensamento humano e consequentemente na compreensão do mundo.

Como já foi dito anteriormente, o teatro é repleto de imagens e símbolos, que são criadas para dizer algo e fazer pensar sobre determinado assunto ou situação; portanto, proporciona questionamentos e reflexões acerca das relações humanas e de como ver, sentir e vivenciar o mundo; e ativa o despertar para a possibilidade de transformá-lo.

As relações de poder são constantes no decorrer dos conflitos sociais. Mas como o poder é exercido na sociedade? Foucault afirma:

Deste “poder” é necessário distinguir, primeiramente, aquele que exercemos sobre as coisas e que dá a capacidade de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las – um poder que remete a aptidões diretamente inscritas no corpo ou mediatizadas por dispositivos instrumentais. Digamos que, neste caso, trata-se de “capacidade”. O que caracteriza, por outro lado, o “poder” que analisamos aqui, é que coloca em jogos relações entre indivíduos (ou entre grupos), (FOUCAULT, 2010, p.240)

Sendo assim, análise das relações de poder deve ter uma importância considerável na investigação sobre as relações humanas e a influência das visualidades com seus signos e subjetividades. Fernando Hernandez confirma:

Isso significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. Em suma, fixam a realidade de como olhar e nos efeitos que têm em cada um ao ser visto por essas imagens. (HERNANDEZ, 2012, p.33)

Na maioria das vezes, as pessoas possuem uma noção rasa e equivocada do que seja a arte e o ofício do Teatro. Principalmente, os adolescentes e jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social, que são movidos pelo desejo de se enquadrar no sistema em que se sentem excluídos. Geralmente, estão à procura de um glamour vendido pela sociedade, através das telenovelas e na mídia em geral, e das imagens que são apresentadas e impostas pelo sistema; que se difere muito da sua realidade:

Mas, assim como dramas estéticos projetam muitas vozes (dispostas como personagens) originadas de uma única voz, a dos dramaturgos, também a TV trabalha em direção oposta para um fim idêntico, entrelaçando muitas vozes em uma fábrica unitária transmissora. A transmissão final da TV difere de acordo com os canais culturais a que uma pessoa se sintoniza. (LIGIERO, 2012, p. 196).

É importante ressaltar que o processo dramático é essencial para os seres humanos que representam papéis sociais em seu meio; pois, desde a infância experimentam situações imaginárias onde se colocam nos papéis sociais nas brincadeiras, como uma espécie de exercício social em busca de algo melhor.

Para tanto, vale dizer que a prática teatral se faz muito eficaz como instrumento no tratamento das questões sociais, tanto para quem consome um produto teatral ou para quem o produz. Os dramas sociais podem ser problematizados na vivência teatral, através de jogos e dinâmicas, na busca da resolução e/ou do entendimento de um conflito. Mas para isso é importante analisar e identificar o contexto sociocultural com maior precisão, as necessidades e problemáticas dos indivíduos e grupos sociais que se beneficiam do teatro em busca do seu protagonismo.

O teatro e a cultura visual, interligados e entrelaçados, possuem uma força poderosa como agentes ativos na construção da identidade do sujeito, com a perspectiva de transformação social e da criação de um mundo mais justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo visou mostrar uma análise do Teatro/Educação e a Cultura Visual como ferramenta de transformação social, tendo como ponto de partida o contexto de vulnerabilidade social. As artes precisam ser usadas na contribuição para a educação e a formação integral do indivíduo, dentro da perspectiva do “pensar sobre pensar o próprio pensar e da consciência e autonomia que melhoram as perspectivas individuais e coletivas” (CAVASSIN, 2008, p.50). Que a Arte, não seja vista apenas como lazer ou como atividade de luxo para poucos; é de costume, que este seja o ponto de vista dos indivíduos que se encontram em situação de liminaridade e que vivem à margem da sociedade.

Outro ponto a ser questionado é o fato de que os aspectos formais do Teatro e da Cultura Visual que limita o educando a simplesmente decorar um texto clássico e apresentá-lo ou aprender a produzir obras artes visuais, preocupados apenas com a produção.

Ficou mais fácil com este estudo, identificar o teatro e a cultura das artes visuais, como formas pedagógicas e atividades fundamentalmente coletivas, mas que preza pelo respeito ao indivíduo e tem o compromisso com o desenvolvimento das habilidades individuais e de grupo. Sendo assim, a identificação da Arte/Educação como ferramenta para o despertar da consciência individual harmonizada ao coletivo; que promove a inclusão e a socialização e a auto-aceitação; aponta para o fortalecimento e empoderamento do sujeito, para que ele possa ser capaz de fazer a conexão entre o conhecimento adquirido com sua vida prática.

Um dos propósitos deste estudo é se apropriar do lado humanista na formação de um indivíduo e da construção de sua identidade, pelo fortalecimento de sua condição social e a favor de um mundo mais justo e livre da cultura de exclusão; com destaque à importância fundamental destes sujeitos, como atores sociais.

A partir dos apontamentos apresentados neste artigo, subentende-se a necessidade de uma continuidade no estudo das questões apresentadas. Ainda existem várias questões, com relação ao tema deste trabalho, que merecem estudo e pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Luiz Eduardo Souza. **Teatro e cidadania: experiência de formação integral de jovens e adolescentes e o teatro/educação na Casa da Juventude Pe. Burnier entre 2011-2014**. 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CAVASSIN Juliana. **Perspectivas para o Teatro na Educação como Conhecimento e Prática Pedagógica**. V.3. FAP. Curitiba, 2008, p. 39-52.

COELHO, Rosene M. **O sujeito e a construção da identidade: implicações na infância, na educação e na arte**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (orgs.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: UFSM, 2010.

LIGIERO, Zeca. **Performance e Antropologia de Richard Schechener**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol I. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HERNANDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. 1. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Debates: 189 / dirigida por J. Guinsburg. **Jogos Teatrais** - São Paulo: Perspectiva, 2011.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho. Ensaio sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MITCHELL, W. J. T. **O que as imagens realmente querem?** In: ALLOA, E. (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

REVERBEL, Olga. **O Teatro na Sala de Aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

ROCHA, Simone R. **O Marco Conceitual da Vulnerabilidade Social**. In. *Sociedade em Debate, Pelotas*, 17(2): 29-40, jul.-dez./2011.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia; SILVA, Lourival Rodrigues da. **Escola de Educadores/as de Adolescentes e Jovens: Formação para Acompanhamento Juvenil**. 1. Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnie; Coleção Caminhos; PUC Goiás, 2012.

TURNER, Victor. *Liminaridade e "Communitas"*. In. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de castro. Petrópolis, Vozes, 1974.